

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

De ruínas e recomeços: Rasurando os paradigmas da modernidade¹

Iraci Simões da Rocha²

RESUMO: O propósito desse artigo é discutir questões relacionadas à mudança de paradigmas nos Estudos Literários e Estudos Culturais, focalizando todo um movimento que se esboçou a partir dos anos de 1960, intensificando-se da década de 1990, em diante. Abordo aspectos da reconfiguração dos lugares canônicos e não-canônicos da cultura e da literatura, sob o impacto dos emergentes Estudos Culturais e das práticas dos Estudos Comparatistas, na contemporaneidade.

Palavras-chave: Estudos Literários; Estudos Culturais; Modernidade; Contemporaneidade

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss subjects related to the change of paradigms in the Literary and Cultural Studies, emphasizing an entire movement that drafted itself since the early 1960's, becoming more intense in the 1990's. I approach aspects of the reconfiguration of the canonical and non-canonical places of culture and literature, under the impact of the emergent Cultural Studies and the practices of the Comparative Studies, at the present days.

Key Words: Literary Studies, Cultural Studies, Modernity, Contemporaneity.

Aos navegantes:
“Antes de mais nada tarefas negativas.
É preciso se libertar de todo um jogo de noções
que estão ligadas ao postulado de continuidade”.
Michel Foucault. *Arqueologia do saber*.

Chega um tempo em que mulheres e homens olham para trás e conseguem divisar estantes, prateleiras, mesas, gavetas, espaços abarrotados de livros, guias, catálogos, cartas, mapas, documentos valiosos que encerram um passado, uma história com princípio, meio e fim. Suas mentes também arquivaram um conhecimento ensinado e aprendido, muitas vezes

¹ O presente texto, apesar de inédito, foi escrito em dezembro de 2002.

² Doutora em Letras: Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura, pela UFBA; professora do Curso de Letras DCH I / UNEB. Email: iracirocha@uol.com.br.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

com paixão e violência incomensuráveis. Tudo foi sendo construído sequencialmente e se esses homens e mulheres pudessem voltar no tempo, eles encontrariam o fio de Ariadne que os conduziria pelo labirinto a fora. Ocorre que eles, mesmo mantendo suas memórias, não podem voltar no tempo de um passado remoto, e o passado recente que faz fronteira com o tempo presente revela-se em ruínas. Essas ruínas os assustam e os fascinam, ao mesmo tempo, porque é a partir dos escombros que vão tentar recuperar sua memória. O fio condutor partiu-se e, ainda que o recuperassem, este já não os conduziria a um ponto definido e estável, uma vez que se apresentam tantos pontos, um diferente do outro. O que fazer? De onde eles poderiam retomar o fio da História? E de qual História poderiam falar, se outras personagens entram em cena e reivindicam a sua inclusão nos fatos?

Esse tempo que emerge dos destroços da história é a contemporaneidade e os atônitos homens e mulheres em busca de significações para o que está ocorrendo somos todos nós, intelectuais e estudiosos da cultura. Temos pela frente fragmentos de um passado que não pode ser jogado fora. Trata-se de lançar sobre ele um outro olhar, rasurar seus escritos, negociar com outros discursos e áreas de conhecimento e inscrever nessa tela outros textos elaborados por “mãos grosseiras” e pouco afeitas às delicadezas do trabalho intelectual. A insegurança em relação à ocupação de lugares e posições é um fato que deve conduzir a paradoxos, mas provavelmente será um exercício produtivo, em que pesem a incerteza e a perplexidade.

É com essa perplexidade que começo a refletir sobre a quebra das estruturas de pensamento da modernidade, tomando como ponto de partida o SL - Suplemento Literário - de setembro de 2002³. Esta publicação, dedicada especialmente à literatura, como o próprio título indica, traz um texto de duas páginas de Mariana Santos Rodrigues, artista gráfica, sobre o trabalho do “artesão designer profissional”, que é o conhecido pintor de “placas”, muros e outros, nos bairros periféricos das cidades brasileiras. A autora faz uma breve reflexão sobre o assunto, lembrando que o leitor do SL poderia encontrar ali “um divertido exercício de novas descobertas estéticas”.

³ O Suplemento Literário é uma publicação da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Motivada por questões que serão discutidas, ao longo deste ensaio, retomei outros números do mesmo SL e fui encontrando textos sobre cinema, fotografia, quadrinhos, música, disputando espaço com poemas de autores canônicos, textos de intelectuais contemporâneos – poeta escrevendo poesias, antropólogos como Hermano Viana (SL / fevereiro, 2002) discutindo a música brasileira, professores de literatura estudando telenovela, estudiosos da obra de Machado de Assis analisando o rap dos morros cariocas. O que está acontecendo e o que tudo isso tem a ver com um “Suplemento Literário?” Respostas aos questionamentos exigem reflexões acerca da reconfiguração dos espaços ocupados pela cultura e artes, contemporaneamente.

A partir da segunda metade do século XX, quando se pode marcar o fim da modernidade, um conjunto de fatores e acontecimentos nas ciências, na economia mundial, os avanços nas tecnologias e nas artes, a voracidade da indústria cultural e suas reações mercadológicas produziram mudanças que se refletiram em todas as áreas do conhecimento. Gianni Vattimo identifica o fim da modernidade como o momento em que não é mais possível “... hablar de la historia como de algo unitário”. (VATTIMO, 1996, p. 75). Para a construção dessa história coesa e una, é fundamental a idéia de progresso, de organização evolutiva que se articula pela negação de valores do passado e da tradição considerados superados. A visão da história, nesse caso, remetia à idéia de um centro em torno do qual ela era escrita.

A crise da história como construção unitária é identificada pelo filósofo alemão Walter Benjamin, em *Teses sobre Filosofia da História* (1985), para quem a linearidade histórica tem um caráter ideológico, por ser o produto das representações que resultam do ponto de vista das classes dominantes. Benjamin toma um quadro de Paul Klee, intitulado “*Angelus Novus*”, para ilustrar metaforicamente o “Anjo da História”:

Parece querer afastar-se de algo que ele contempla. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão prontas para voar. O Anjo da História deve parecer assim. Ele tem o rosto voltado para o passado. Onde diante de nós aparece uma série de eventos, ele vê uma catástrofe única, que sem cessar acumula escombros sobre escombros arremessando-os diante dos seus pés. (BENJAMIN, 1985, p. 157-8).

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Na visão de Benjamin, o Anjo bem que gostaria de reconstruir todo o caos, mas uma “tempestade impele-o incessantemente para o futuro, ao qual ele dá as costas, enquanto o monte de escombros cresce ante ele até o céu. Aquilo que chamamos de progresso é essa tempestade.” (*Ibid.*, p. 159).

Benjamin, na verdade, está retomando idéias já trabalhadas por Marx e Nietzsche sobre a unicidade histórica resultante de representações elaboradas pelas estruturas de poder. Vattimo (1996, p. 76) acrescenta que o ideal de história e de progresso construído até a modernidade está relacionado a um “ideal de homem” que era o “homem moderno europeu”, com seus postulados e valores emblemáticos.

Com a quebra do imperialismo e da colonização, os “povos primitivos” considerados “bárbaros” pelos colonizadores passam a reivindicar o direito de usar seus próprios idiomas, exercitar costumes, crenças e práticas religiosas, enfim, de reapropriar-se de sua cultura. Isso só foi possível porque o mundo já vivia a chamada “era da comunicação”, com a entrada em cena de múltiplas vozes e fontes de informações, a partir de pontos de vista diferentes. É um tempo de simultaneidades, em que várias ações ocorrem paralelamente, sem possibilitar modelos prontos e definitivos.

O fruidor contemporâneo - pesquisador, crítico, leitor - é um ser faminto pelo conhecimento, mas impossibilitado de apreendê-lo, de modo definitivo e com segurança. É preciso reconhecer esse conhecimento, com uma atitude aberta para a negociação e construção de sentidos possíveis e provisórios, levando-se em conta os contextos de produção e de recepção, com instrumental e conceitos que também estão sendo construídos. Ilustra bem essa discussão a emergência de publicações sobre cultura, em geral, que reúnem textos de autores e temas variados, segundo Heidrun Olinto, sem o compromisso “com filiações duradouras, atestando a substituição da voz autoral particular pelo consenso/dissenso de subgrupos de uma comunidade sem identidade”. (OLINTO, 1996, p. 137).

A ação dos mídias contribuiu para quebrar a idéia de centro e a representação linear da voz monocórdia dos discursos hegemônicos porque, em que pese o caráter alienante dos meios de comunicação de massa, eles abriram espaços para os discursos periféricos e para o

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

confronto de vozes dissonantes. Esse outro tipo de organização, na visão de Vattimo (1996, p.78), não proporciona uma sociedade “transparente”, “iluminada” e “consciente de si mesma”, mas uma sociedade mais “complexa” e “caótica”, com possibilidades de transformar esse caos em “esperanças de emancipação”.

A tese de Vattimo é a de que a emancipação das minorias toma impulso com o fim dos discursos centrais, nas palavras de Jean François Lyotard, o fim das “grandes narrativas” e a emergência das múltiplas vozes periféricas. Ganham estatuto de texto os micro discursos - os testemunhos, as entrevistas, os relatos de experiências - das minorias étnicas, sexuais, religiosas, estéticas e culturais, com suas representações particulares, locais, heterogêneas e plurais. Entendo que, por si só, a entrada em cena dos discursos das minorias não garante a emancipação política desses grupos, mas desestabiliza o mundo da “comunicação global” generalizada, em função do atrito da “racionalidade central” com os discursos das “racionalidades locais”.

Os Estudos Culturais, da década de 1990 em diante, com algumas raízes no estruturalismo francês dos anos 60, principalmente marcado pelas idéias de Lévi-Strauss, Roman Jakobson, Roland Barthes, Gerard Genette, Jacques Lacan, Michel Foucault e Louis Althusser⁴, dão início a uma série de reflexões e reposicionamento de objetos de estudos e operações teóricas nas diversas áreas do conhecimento. Os autores citados serão lidos na Inglaterra e Estados Unidos, principalmente, entre os anos 60 e 70. “A outra fonte dos Estudos Culturais Contemporâneos é a teoria literária marxista na Grã-Bretanha” com a obra de Raymond Williams (Cultura e Sociedade, 1958)” e *The Uses Of Literacy*, 1957, de Richard Hoggart. (CULLER, 1999).

Os Estudos Culturais surgem como consequência de rupturas, operando um deslocamento da posição da literatura em favor de outras produções culturais “não-literárias” que passam a ser lidas como textos, enquanto o “texto literário” passa a ser lido também como produto cultural que dialoga com tantos discursos. Sem uma metodologia própria e objeto de estudo específico, os Estudos Culturais insubordinam-se contra o estabelecido, transitam pelas

⁴ Mais tarde, alguns desses autores como Lacan, Barthes e Foucault terão suas idéias identificadas com o pós-estruturalismo, quando explicitam uma crítica do conhecimento, do sujeito e da idéia de totalidade.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

situações provisórias, abrem espaço para os discursos minoritários ou marginais, reconhecendo-se como prática política com intervenções sociais emancipatórias. Em geral, propõem uma mudança de olhar dos conceitos “eurocentristas” que identificam culturas e povos como “primitivos”, “subdesenvolvidos”, “estranhos”, “atrasados”.

Em paralelo, os estudos de Literatura Comparada já estavam consolidados na Europa Ocidental e América do Norte, pois vinham se desenvolvendo há décadas. Inicialmente, os estudos comparatistas foram marcados pelo historicismo e “princípios científico-causalistas” e depois por uma “óptica formalista”, apesar das fortes dissonâncias, mas sempre apoiados no etnocentrismo. (COUTINHO, 1998, p. 67-8). A partir da década de 1990, os estudos de Literatura Comparada assumem um viés transdisciplinar, operando entre fronteiras, num trabalho que inclui uma espécie de militância em favor do subalterno e das chamadas minorias. O “fenômeno literário” já não é o foco exclusivo da Literatura Comparada.

Eduardo Coutinho fixa os anos 1970 como o período a partir do qual ocorreram mudanças, tanto no foco de atuação da Literatura Comparada o qual se desloca para “pólos geográficos tidos como marginais” - China, Índia, África e América Latina - quanto na relação dos estudos com a política. O viés apolítico tradicionalista e reafirmador da “supremacia de um sistema sobre os demais” que foi a sua marca, especialmente na “Escola Americana”, vai ser questionado a partir dos anos 70, quando se fortalecem as discussões sobre as identidades culturais e nacionais.

A Teoria, a Historiografia e a Crítica Literárias operaram um “desvio de olhar”, passando a ver o texto não exclusivamente como objeto fechado na sua imanência estética, mas como artefato cultural, que se configura de maneira “híbrida”, para usar o termo de Garcia Canclini (1998) incorporando elementos das chamadas “alta cultura” e da “cultura popular”, ambas em permanente diálogo com a “cultura de massas”. Isso equivale dizer que o texto literário agora é produto que se relaciona não apenas com outras áreas do conhecimento, mas também com os textos de outros estratos culturais, antes considerados em posição hierarquicamente inferior.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Nesse contexto, as estruturas do pensamento moderno, que vinham ao longo do tempo se fragilizando, esboroam-se de vez. Os modelos universalistas, baseados nas idéias de evolução e linearidade, não conseguem mais dar conta das questões locais, das mudanças que se processam com incorporações e reelaborações de conteúdos, materiais, idéias, com um caráter múltiplo e rizomático⁵. Como representar grupos minoritários e povos com saberes diferentes com o diapasão da cultura hegemônica?

A entrada em cena de vozes até então silenciadas - ou representadas por discursos sobre essas vozes, isto é, uma estrutura de poder hegemônico *falando em nome de um povo* ou no lugar desse povo, dessas vozes silenciadas - força o Comparativismo, os Estudos Culturais e Pós-Coloniais a enfatizarem seu caráter político. Isso tem, como consequência, o reposicionamento dos campos do conhecimento que passam a operar de maneira transdisciplinar, recusando as práticas excludentes, os territórios e enfoques isolados. Tal postura acaba conduzindo os estudos acadêmicos a intervenções que sejam também práticas sociais e políticas, funcionando como uma espécie de “Insurreição” contra as certezas cristalizadas.

Se o mundo é lido como discurso, e é na comunicação que se formam as expressões culturais, as construções lingüísticas são ideologicamente marcadas pelos signos carregados dos valores de povos, classes e contextos diferentes. (BAKHTIN, 1979). Assim, os paradigmas do pensamento moderno foram se fragmentando, uma vez que não era mais possível falar de uma cultura, mas de expressões culturais, que, por seu lado, são representações e não “descrições neutras” e “naturais”, isto é, são construções discursivas e ideológicas engendradas na linguagem.

O olhar das culturas hegemônicas sobre as “outras culturas” constrói um “discurso especializado e autorizado” ancorado na arrogância hierárquica. Essa posição baseia-se no paradigma de contraste em que as imagens de alteridade são estereotipadas e desqualificadas com representações elaboradas por um discurso racista e etnocêntrico. (SAID, 1990).

⁵ A imagem do rizoma, vegetal de crescimento desordenado, é trabalhada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *Mille plateaux* (1980), associada ao pensamento contemporâneo de uma ciência “nômade”, rizomática e se opõe ao modelo tradicional fundado em dicotomias, relações hierárquicas, controladas por uma estrutura central. Heidrun Olinto retoma essa imagem no texto “Teoria da Literatura em desalinho”.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Uma vertente dos Estudos Culturais e Comparatistas, com posição de engajamento político, recusa a suposta neutralidade acadêmico-científica da História, da Cultura e da Literatura. A partir daí e com a visão de que “identidade”, “nação” e “cânone” são construções ideológicas,⁶ intelectuais de diversas partes do mundo, incluindo a América Latina, mudaram o olhar e passaram a considerar objeto de estudo textos até então desprezados, a exemplo dos produzidos em línguas indígenas e africanas, e aqui destaco as formas da tradição oral: contos, ditos populares, parlendas, cordel, cantorias, festas e outras. O que essa postura defende é a idéia de que identidade, nação e cultura não podem mais “ser vistas em termos ontológicos, isto é, de forma definida, acabada, integral, mas em termos plurais e híbridos”. (COUTINHO, p. 57). Hoje, perde força, por exemplo, o modelo de História da Literatura na sua formatação tradicional - una, substantiva, geral, universal - em favor de “histórias-problema” que abrigam a divergência, a contradição, o confronto de idéias, sem síntese nem harmonia.

Heidrum Olinto, em “Como falar de Histórias (de Literatura?) Hoje?” posiciona-se contrariamente ao projeto de história como herança do século XVIII mantida até a modernidade, baseada nos princípios de teleologia, evolução, progresso e continuidade. Fortalece-se, por tal prisma, a defesa da inexistência de uniformidade quanto à identidade nacional, de encadeamento de eventos em sucessão progressiva, em favor da coexistência de perspectivas heterogêneas, dispersas, fragmentadas das micro narrativas.

A esse respeito, Rita Terezinha Schmidt lembra que a “lógica perversa, calcada em noções de causalidade e de determinação de valores originários que se tornaram modelares, precisa ser desconstruída”. Schmidt (1996, p. 116) opõe o discurso da modernidade que tem o centro como referência ao discurso contemporâneo, produzido não *da* margem ou *na* margem, que deve ser crítico e desestabilizador do discurso canônico. Em outras palavras, desfaz-se o sentido de centro e margem com a entrada em cena, ao mesmo tempo, das vozes periféricas e canônicas. Ou seja, margem e centro não vão mais trilhar caminhos paralelos, mas encontrar-se, bater-se, e produzir resultados, com reconfiguração dos espaços e discursos.

⁶ As idéias de nação e nacionalidade são trabalhadas por Benedict Anderson como “artefatos culturais”.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

O questionamento do cânone artístico, tomado como modelo “a ser preservado para as futuras gerações”, baseia-se na crítica à hegemonia da chamada “alta cultura”, cujos padrões foram sendo moldados, ao longo do tempo, sempre a partir de um “lugar de poder”. (REIS, 1992). Linguagem, cultura, escrita e literatura estão relacionadas às estruturas de poder e de dominação, razão por que suas produções não podem ser vistas como “naturais”, “espontâneas” e “inocentes”. São construções ideológicas balizadas por “valores” que se foram cristalizando, a partir do “lugar da autoridade” historicamente ocupado pela crítica, pelos intelectuais, pelas instituições legitimadoras. Tal autoridade é, por princípio, violenta, conservadora, erigindo o cânone e produzindo exclusões, com interesses de classe.

O bombardeamento dos paradigmas da modernidade se faz também no “campo de batalha das chamadas políticas de identidade ou multiculturalismo” (SCHMIDT, 1996, p. 119) e desestabiliza o cânone porque traz para a cena do debate conceitos de desconstrução, diferença e alteridade que vão colocar sob suspeita discursos “construídos” de maneira a formar um todo harmônico e totalizante. Contemporaneamente, quando se percebe que uma oposição não é natural nem inevitável, mas uma construção produzida por discursos, não se sustentam os binarismos e as exclusões. Nesse sentido, também os campos de estudos e práticas disciplinares passam a operar fronteiriçamente, por entrecruzamento, sem limites rígidos.

Nas comemorações dos 500 anos do “Descobrimento do Brasil”, o discurso oficial e todos os preparativos de rituais, gestos e símbolos não conseguiram recompor o “Mito do Descobrimento” construído, ao longo do tempo, pelas autoridades. Não foi simplesmente o fiasco da “Nau Capitânia”⁷ que estragou a festa, mas as vozes de outros discursos que se fizeram ouvir, - índios, negros, homossexuais, mulheres, sindicalistas, estudantes - com outras histórias. Nesse momento, os meios de comunicação de massa e a organização popular ajudaram a quebrar o discurso dos “Mitos Fundadores” da identidade nacional, como algo

⁷ Refiro-me à construção da “Nau Capitânia”, para comemorar os 500 anos do “Descobrimento do Brasil”. O projeto, custeado com verbas públicas, previa uma réplica da embarcação portuguesa que trouxe a comitiva de Pedro Álvares Cabral, às nossas terras. As comemorações, em 2000, tiveram seu brilho empanado pelo fiasco da Nau Capitânia: uma sucessão de falhas técnicas que iam desde a falta de lastro na embarcação até uma falha na construção do motor.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

posto e constituído harmônica e naturalmente, ocupando pela representação lingüística e demais símbolos os espaços dos “fatos reais”. Quem escreveu a história do “Descobrimento do Brasil?” Quando os nativos que aqui viviam falaram e foram ouvidos? Nas comemorações, na cidade de Porto Seguro, no sul da Bahia, a televisão e a mídia, em geral, não puderam deixar de exibir as imagens do confronto entre a força policial e os índios e outras minorias que buscavam mostrar o “outro lado” da história, muito diferente daquele “construído” pelas classes dominantes, durante 500 anos.

Cultura do nosso tempo? O que cabe nessa expressão? No trânsito congestionado, já nas primeiras horas, do dia 25.11.2002, de um dia comum em Salvador, capital da Bahia, ouço pelo rádio uma manchete jornalística, informando que Fernando Pessoa é a grande vedete responsável pelo sucesso de novo espetáculo musical. Logo depois, leio na coluna de Diogo Mainardi que Oriana Fallaci, “a mais célebre jornalista” da Itália, publicou recentemente um manifesto contra o mundo árabe e a *top model* internacional Gisele Bündchem, ao desfilarem com casacos de peles naturais, torna-se alvo da ira dos ecologistas, no mundo inteiro.⁸ A literatura e a música dialogam e são consumidas pelas massas, sem hierarquias; a voz da autoridade “formadora de opinião” articula um discurso etnocêntrico, apontando a legitimidade ou ilegitimidade de práticas culturais; uma modelo rica e poderosa é obrigada a negociar com o discurso radical dos ecologistas.

Tempo de contradições, de riqueza e de indigência, tempo de rápidas mudanças, que exigem habilidades para as negociações. As verdades do mundo se alteram; as civilizações se chocam e a autoridade não pode mais ignorar o lugar da “outridade”. Esses outros, mantidos em posição de subalternidade, ao longo da história, pelas teorias colonialistas, que afinaram o “discurso competente” com base no estereótipo e no preconceito, agora se apropriam dos instrumentos e se lêem não como “atrasados”, “preguiçosos”, “ignorantes”. A civilização ocidental é forçada a rever seus mitos, a considerar as vozes de outras culturas; à ciência não cabe mais a indumentária de pureza, neutralidade e desinteresse.

⁸ Revista VEJA, edição 1779, 27.11.2002, p. 147; 104 – 111.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Enquanto isso, a música erudita vai ao parque, embalando a venda de *fast-food*, o artista de rua vai ao “templo sagrado do teatro”; o grafite passeia entre o poema e as artes plásticas; criam-se formas alternativas de poesia performática. O Museu de Arte Moderna da Bahia, de cujo acervo fazem parte os agora canônicos Di Cavalcanti e Anita Malfatti, entre outros, abre as portas para exposições de objetos que revelam o *neokitsch* ou talvez o velho *kitsch*; “instalações” de alta voltagem poética, cuja fruição tem tudo a ver com a participação do espectador: sim, é permitido pisar nos trabalhos que expõem as caras de personagens midiáticos.

Quebraram-se os paradigmas da modernidade. As expressões da cultura brasileira do nosso tempo, híbridas à Garcia Canclini, com um pé nas tradições populares, agora em sintonia com as formas mundializadas, já não causam reações extremadas. Muitos intelectuais, entretanto, ainda torcem o nariz para as telenovelas e os professores se alarmam com a instrução dos adolescentes, que “lêem” as obras literárias canônicas em versão condensada ou pelo seriado de tevê. Os modelos uniformizadores não dão conta das multiplicidades das expressões culturais e do aparato teórico para tomá-las como objetos de estudo, pois esses objetos mudam, a todo o instante.

E a saída? Na falta de placas indicativas de um caminho a seguir, resta ao intelectual olhar par trás e não se deixar petrificar de espanto ou de horror ante as ruínas de uma civilização descentrada. O melhor é colocar a mochila nas costas, calçar suas sandálias de andarilho, sacudir a poeira dos escombros e seguir por atalhos, reaprendendo a olhar as coisas do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. *Imagined Communities*. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre filosofia da história. In: __ *Walter Benjamin*. Org. e trad. Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985. P. 153-164.
- COUTINHO, Eduardo. *A reconfiguração de identidades na produção literária da América Latina. Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Anais do II Seminário Internacional da História da Literatura. Org. MOREIRA, Maria Eunice. Porto Alegre, 1998.
- CULLER, Jonathan. Literatura e estudos culturais. In: __. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999. p.48-58.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 1980.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas; estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. (Ensaio Latino-americanos, 1).
- OLINTO, Heidrun. Teoria da literatura: instituição apátrida (*Revista Brasileira de Literatura Comparada*. n. 3). Rio de Janeiro, ABRALIC, 1996. P. 131-141.
- _____. Teoria da literatura em desalinho. Literatura e diferença: Anais da ABRALIC. São Paulo: EDUSP, 1995. p. 371-375.
- REIS, Roberto. “Cânon”. In: JOBIM, José Luis. Org. *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- SAID, Edward. “Introdução”. In: __. *Orientalismo; o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 13-39.
- SCHMIDT, Rita. *Cânone/contra-cânone: nem aquele que é o mesmo nem este que é o outro. O discurso crítico na América latina*. Org. CARVALHAL, Tânia Franco. Porto Alegre: IEL/ED. Unisinos, 1996. p. 115-121.
- VATTIMO, Gianni. *La società trasparente*. Espanha: Paidós, 1996.

TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

VIEIRA, Nelson H. *Hibridismo e Alteridade: Estratégias para repensar a história literária*.
Cadernos do Centro de Pesquisa Literária da PUCRS; Anais do II Seminário Internacional
de História da Literatura. Org. MOREIRA, Maria Eunice. Porto Alegre, 1998. V. 4, n. 2.